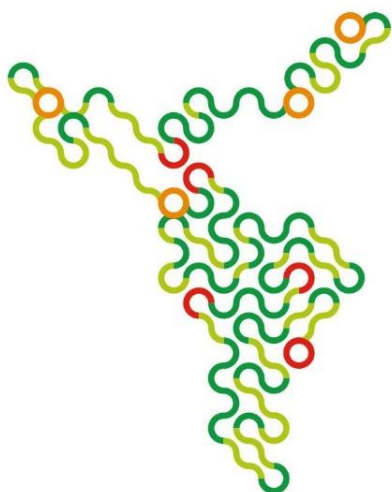




ANAIS DO EVENTO



III CONGRESSO
IBERO-AMERICANO
DE HUMANIDADES,
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:
**Produção e democratização
do conhecimento na
Ibero-América**

22 a 25 de maio de 2018

 Apoio:



 Realização:

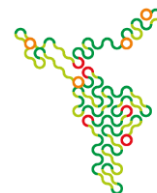


PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

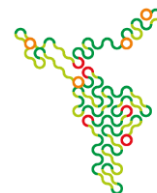




Universidade do Extremo Sul Catarinense
III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e
Educação
Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América



HISTÓRIA & TEORIA: O OFÍCIO DO HISTORIADOR



TRABALHOS

ANTINOMIAS NACIONAIS A PARTIR DE MANOEL BOMFIM E OLIVEIRA LIMA	3
Renata Baldin Maciel	
MEMÓRIAS EM UM PEDAÇO DE PAPEL: BREVE HISTÓRICO DO CLUBE TREZE DE MAIO	16
Merylin Ricieli dos Santos	



ANTINOMIAS NACIONAIS A PARTIR DE MANOEL BOMFIM E OLIVEIRA LIMA

Renata Baldin Maciel¹

Resumo: O objetivo desse artigo² é verificar algumas concepções sobre a nação atreladas às ideias de autonomia e heteronomia a partir das obras *A América Latina: males de origem*, de Manoel Bomfim, escrita em 1903 e publicada no Brasil em 1905, bem como das obras *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais* (escritos de 1896 a 1899 publicados na *Revista Brasileira* e no *Jornal do Comércio*) e *Pan-Americanismo: Monroe – Bolívar – Roosevelt* (1907) ambas de Manuel de Oliveira Lima. Utilizando-se o conceito de *Fin-de-siècle* de Franklin Baumer (1990) esses intelectuais podem ser considerados representantes dessa geração brasileira que frente ao quadro de “desorientação” vivenciado, preocupou-se em buscar respostas para sociedade em um contexto carregado de mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais, que implicava uma crise valorativa e uma ressignificação da própria história do Brasil. Manoel Bomfim e Oliveira Lima apresentaram respostas a esse novo tempo vivido que oscilaram entre a autonomia efetiva, a autonomia potencial e a heteronomia nacional. Por último, pode-se elencar alguns temas que serão abordados ao longo do artigo, tais como, o conceito de autonomia e de heteronomia a partir de Louis Dumont e Alain Renaut; a visão dos autores em relação ao presente, passado e futuro da América Latina e, em especial, do Brasil; os modelos de civilização elencados para os latino-americanos e seus agentes sintetizadores, com destaque para os Estados Unidos e para Europa.

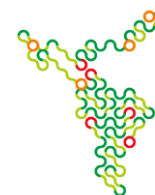
Palavras-chave: História Intelectual. Nação.

NATIONAL ANTINOMIES FROM MANOEL BOMFIM AND OLIVEIRA LIMA

Abstract: The objective of this article is to verify some conceptions about nation related to the ideas of autonomy and heteronomy in the work *A América Latina: males de origem* written by Manoel Bomfim in 1903, and published in Brazil in 1905, and also in the works *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais* (written from 1896 to 1899, published in *Revista Brasileira* and in *Jornal do Comércio*) and *Pan-Americanismo: Monroe – Bolívar – Roosevelt* (1907) both by Manuel de Oliveira Lima. Using Franklin Baumer's (1990) concept of *Fin-de-siècle*, these intellectuals can be considered as exponents of a Brazilian generation that, before a reality of “disorientation”, tried to find answers to the society in a context full of political, economical, social and cultural changes, which implied a crisis of values and a resignification of the Brazilian history. Manoel Bomfim and Oliveira Lima presented answers that oscillate between effective autonomy, potential autonomy and national heteronomy. Some of the aspects addressed in this article are the concepts of autonomy and heteronomy from the perspective of Louis Dumont e Alain Renaut; Bomfim and Oliveira Lima's

¹ Bolsista CAPES - Doutoranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria – Brasil/RS.

² Esse artigo é uma versão resumida do trabalho intitulado “A problemática da autonomia e da heteronomia brasileira e latino-americana a partir de Manoel Bomfim e Oliveira Lima” apresentado no VI Encontro do Grupo de Trabalho da Associação de Historiadores Latino-Americanistas e Europeus (AHILA) “Trabalho Intelectual, Pensamento e Modernidade na América Latina, séculos XIX e XX”: Cultura e História de maio de na Criação Intelectual na Europa e na América Latina, Séculos XIX e XX” realizado em São Paulo/Brasil, entre os dias 16 a 18 de maio de 2018.



points of view about the present, past and future of Latin America and, specially, Brazil; the models of civilization listed for the Latin Americans, with emphasis on the United States of America and Europe.

Keywords: Intellectual History. Nation.

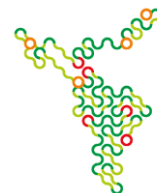
Introdução

Para melhor compreender a interpretação quanto à autonomia e a heteronomia da nação construída a partir da narrativa de Manoel Bomfim¹ e Oliveira Lima, é preciso apontar algumas considerações sobre esses conceitos.

Em relação a liberdade e a tradição, Louis Dumont, defendeu a ideia de que tanto as sociedades primitivas quanto as medievais eram caracterizadas pela heteronomia. Para ele, nessas sociedades a tradição era imposta aos indivíduos, sem que esses pudessem escolher por sua própria vontade. A tradição lhes era imposta de fora e passava a agir sobre os indivíduos sob a forma de uma transcendência radical. Isso configurava uma relação de dependência entre as pessoas e a tradição. Contrapondo-se a essas ideias, a democracia moderna procurou romper essa relação de dependência: “herdada das teorias do contrato social, seu princípio consiste em fundar lei sobre a vontade dos homens, subtraindo-a tanto quanto possível, portanto, à autoridade das tradições”. (Renaut, 2004, 28).

Da mesma forma como a Revolução Francesa não aboliu a hierarquia, criando até mesmo outras, como por exemplo, a sociedade burguesa, a abolição da tradição atrelada ao Antigo Regime não deveria levar à abolição imediata de todas as formas da tradição, mas sim, a uma decomposição das tradições consoante com a lógica progressiva das sociedades democráticas. Nesse sentido, os movimentos sociais em termos de individualismo, poderiam ainda obter legitimidade na sociedade contemporânea, “nas quais os diversos movimentos de vanguarda, tanto no plano político como no da estética, se filiarão a essa tendência de criticar qualquer conteúdo preconcebido e herdado em nome da liberdade dos indivíduos, em nome da sua criatividade ou de seu pleno desenvolvimento”. (RENAUT, 2004, p. 29). Para Renaut (2004), um dos traços mais característicos que o individualismo oferecia às sociedades modernas era a dissolução contínua das referências oriundas do passado e transmitidas de geração em geração: “estas referências, cuja transmissão constitui a tradição, são, por

¹ Algumas considerações expostas neste artigo sobre Manoel Bomfim e os conceitos de autonomia e heteronomia, também foram apresentadas na VIII Reunião do Comitê Acadêmico “História, Regiões e Fronteiras” - AUGM (Montevideu/Uruguai - 2017).



definição, indefinidamente corroídas em função direta do projeto que anima o indivíduo moderno a apropriar-se das normas em vez de recebê-las”. (Renaut, 2004, p. 29-30).

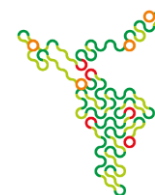
Renaut (2004) realizou uma crítica ao afirmar que “o comportamento neotocquevileano tende a confundir pura e simplesmente a emancipação do indivíduo em relação às tradições (isto é, afirmação de uma *independência*) e a conquista de sua *autonomia*”. (Renaut, 2004, p. 59). Além disso, a perspectiva neotocquevileana se resumiria a uma posição entre a ideologia “holista” das sociedades tradicionais e a nossa cultura “individualista”, na qual o indivíduo não poderia ser submetido a ninguém além dele mesmo. Nesse sentido, pode-se dizer que a lógica do individualismo seria a da “independência, da “libertação dos entraves”, tendo como horizonte, a maneira como o indivíduo moderno tende a preocupar-se apenas consigo mesmo”. (Renaut, 2004, p. 60).

Renaut (2004) lembrou que a ideia de independência absoluta e autossuficiência pura assemelham-se à recusa de qualquer regra que possa limitar a vontade espontânea dos indivíduos. Aceitar regras que limitem a vontade faria com que o problema da relação com o outro fosse considerado, assim como as condições necessárias à coexistência. Esse problema por si só já demonstraria que o indivíduo não basta a si mesmo.

Porém, é preciso ter em mente que a ideia moderna da liberdade atrelada à autonomia envolve um sentido de dependência às regras, mas também um sentido de independência, pois o indivíduo pode livremente seguir leis comuns autofundadas.

A ideia (intrinsecamente moderna) da liberdade como autonomia designa, num sentido, dependência em relação às regras, mas dependência percebida como compatível com a liberdade, ou melhor, uma dependência fundadora da liberdade autêntica, na medida em que essa liberdade autêntica (humana) não é precisamente a liberdade (natural) sem regras, mas consiste em fazer com que o próprio humano seja o fundamento ou a fonte de suas normas e leis. Todavia, não é menos verdade que, sendo dependência em relação às leis humanas, isto é, autofundadas, a autonomia é também uma forma específica de independência (é sem dúvida por isso que se pode, equivocando-se, confundi-la com a independência pura e simples): não obstante, ela é independência apenas em relação a uma Alteridade radical que ditaria a lei. Em suma, como forma de independência, a autonomia (que significa autoinstituição da lei) não se confunde absolutamente com qualquer figura concebível da independência: no ideal da autonomia, continuo a ser dependente das normas e leis, com a condição que eu as aceite livremente. Isso equivale a dizer que a valorização da autonomia, nela integrando a ideia de lei ou de regra, pode perfeitamente admitir o princípio de uma limitação do Eu, por submissão a uma lei comum. (RENAULT, 2004, p. 62-63).

Antes de passar para o próximo item, é preciso fazer uma ressalva sobre o conceito *autonomia efetiva* e *autonomia potencial* empregado nesse texto. A ideia de *autonomia efetiva* foi utilizada como

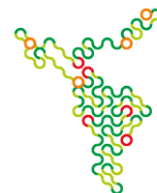


sinônimo do conceito de autonomia de Alain Renaut (2004) explicitado anteriormente. Todavia, ao analisar as narrativas de Manoel Bomfim e Oliveira Lima, deparamo-nos com alguns casos em que, de modo algum, poderia ser apontada a presença de uma *autonomia efetiva* na nação, mas ao mesmo tempo não seria correto afirmar que haveria a ausência completa da autonomia. O vivaz apelo contra os elementos que poderiam ameaçar a soberania nacional, tal como a Doutrina Monroe, oferecia indícios da existência de algo a ser preservado na nação, de algum gérmen de autonomia fundamentado, talvez, na existência de um Estado, embora débil e problemático. Por conseguinte, viu-se a necessidade de buscar um conceito que demonstrasse a existência desse traço de autonomia na nação, o que culminou no termo *autonomia potencial* utilizado em um sentido que expõe a possibilidade desse gérmen manifesto enquanto potência no presente, transformar-se em uma *autonomia efetiva* no futuro.

Percepções acerca da temporalidade

A geração *Fin-de-siècle*² é caracterizada pelo quadro de desorientação desse período do qual Bomfim e Oliveira Lima são representantes. O primeiro fato que merece destaque nas obras de Manoel Bomfim e Oliveira Lima, é denúncia da existência de um atraso instaurado no presente do Brasil e das demais nações sul-americanas. Partindo dessa constatação, os autores preocuparam-se com as causas desse atraso, voltando-se tanto para o passado dos colonizadores ibéricos, os quais seriam os responsáveis pelas degenerações transmitidas pela herança aos povos latino-americanos, como fez Manoel Bomfim, como também para as diferenças entre a colonização da América do Norte e a

² O século XIX não pode ser visto em termos de unidade, por isso Baumer preferiu dispersá-lo em quatro mundos de pensamentos: o Mundo Romântico, o Mundo do Neo-iluminismo, o Mundo Evolucionário e o Mundo do Fin-de-siècle. Baumer destaca que esses mundos não eram separados uns dos outros. A expressão Fin-de-siècle não tinha um significado muito preciso e por isso podia ser usada para um novo mundo de pensamento que estava se configurando no final do século. Baumer destacou que o mundo do Fin-de-siècle não substituiu os dois anteriores, ou seja, o Mundo Romântico e o Mundo Neo-iluminista, tampouco fez-se hegemônico no pensamento a partir da virada para o século XX. O método iluminista reinterpretado e reforçado pelo darwinismo continuou a ser a principal corrente ainda no século XX, da mesma forma o Positivismo sob aspectos renovados continuava presente. Cientistas, reformadores sociais e humanistas declaravam sua confiança na razão ou ciência na obtenção do progresso. O Fin-de-siècle representava mais um princípio do que um fim, pois continha em si as sementes de uma nova modernidade que viria a amadurecer no transcorrer do século XX, diferente da modernidade científico-racionalista em voga até então. Poderia ser considerado um fim somente no sentido de ter exposto à sociedade certas vias de pensamento que se desenvolveram ao longo de décadas. Nas palavras de Baumer, “era um mundo em revolução, não só contra o positivismo, mas contra todos os padrões dos valores e convenções burguesas, e o racionalismo e o convencionalismo burguês, em geral. Mas era acima de tudo, um mundo desorientado (ou que tentava protelar a desorientação)” (BAUMER, 1990, vol.2, p. 132).



América do Sul, a fim de explicar por que, no presente, permanecíamos atrasados enquanto os Estados Unidos conquistavam o progresso, tal como optou Oliveira Lima.

Enquanto Manoel Bomfim rejeitou o modelo ibérico degenerado transmitido pelos espanhóis e portugueses desde a colonização até o presente, Oliveira Lima trouxe os Estados Unidos enquanto modelo de progresso a ser seguido pelas demais nações, trazendo à tona aqueles elementos considerados virtuosos do passado dos imigrantes e do presente em que a nação se encontrava. Ambas narrativas convergiram em relação a problematização dos exteriores constitutivos³ da nação, bem como por terem procurado respostas para o atraso nacional e por terem compreendido a Doutrina Monroe enquanto uma política ameaçadora para nações latino-americanas.

Na narrativa bomfiniana, o passado foi visto como decadente e o presente como um elemento degenerado. A preocupação de Bomfim quanto às ameaças às soberanias nacionais latino-americanas indica que, em certo sentido, havia uma autonomia a ser preservada. Em que consistiria a autonomia ponderando o contexto onde o conservantismo fixava a heteronomia? Pelos elementos apontados por Bomfim, em termos políticos e culturais, os latino-americanos ainda estavam perpetuando a herança recebida, ou seja, estariam sob a condição de heteronomia. Seria então a presença do Estado o fator constituinte dessa suposta autonomia ameaçada? Para Bomfim, no Brasil, por exemplo, o Estado era visto como um órgão espoliador, implementado na nação a fim de garantir a permanência de algumas práticas do regime monárquico. Em outras palavras, o Estado no Brasil não teria surgido em um contexto de abertura para o novo, para a constituição de uma nação independente que poderia obter o progresso por suas próprias características internas renovadas. O Estado teria nascido como uma ferramenta que pudesse garantir o *modus operandi* do regime anterior, cujo principal pilar era o conservantismo. Pensando nessas questões levantadas, pode-se dizer que no Brasil existiria não uma *autonomia efetiva*, mas sim uma *autonomia potencial*, verificada pela presença de instituições, órgãos, sociedade e cultura deficitários e degenerados, mas que poderiam ser regenerados através da instrução, como exposto adiante. Em relação ao presente, esse panorama demonstra a existência de uma antinomia sob a lógica nacional entre uma espécie de gérmen da autonomia ou *autonomia*

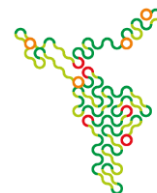
³ Exterior constitutivo pode ser entendido como uma identidade construída a partir da alteridade entre o “nós” versus “eles”. A partir das características da Europa, dos Estados Unidos e da Ibéria apontadas por Manoel Bomfim e Oliveira Lima, foi possível pensar a identidade brasileira e latino-americana, especialmente em termos do que não éramos e do que deveríamos ser no futuro. Esses elementos de alteridade permitiram explicitar qual identidade existia no presente da nação, quais os modelos identitários de referência na leitura de mundo desses indivíduos e qual era o ideal identitário nacional lançado para o devir.



potencial versus uma heteronomia efetiva dos Estados latino-americanos. Enquanto isso, para o futuro era lançada a possibilidade de resolução dessa antinomia na medida em que, através da educação, a *autonomia potencial* poderia transformar a heteronomia até uma *autonomia efetiva*.

Os conceitos de civilização, progresso e atraso apareciam correlacionados na medida em que Bomfim afirmava que “os povos sul-americanos se apresentam, hoje, num estado que mal lhes dá direito a serem considerados povos civilizados” (Bomfim, [1903], 1993, p. 49-50), enquanto nações que se autoproclamam soberanas, estaríamos vivendo uma autonomia potencial por não termos atingido ainda o grau civilizatório e de progresso necessário às nações plenas. Ao problematizar o passado das nações colonizadoras Espanha e Portugal, Bomfim afirmou que nelas também estavam instaurados os mesmos males verificados nas nações da América Latina, ou seja, seus vícios e males eram reflexos dos hábitos de vida das nações peninsulares. As colônias da América do Sul nasceram e viveram sob o regime parasitário, os vícios e degenerações herdados teriam influenciando a vida desses povos até mesmo após a emancipação das nações. Em síntese, as nações sul-americanas sofriam dos mesmos males, em algumas mais e, em outras, menos atenuados posto que, esses povos tiveram a mesma origem, formaram-se nas mesmas condições e foram educados pelos mesmos processos.

Bomfim também denunciou o conservadorismo existente na política da América do Sul atrelado ao interesse pessoal, à herança adquirida e à educação, ou seja, os indivíduos, ao conquistarem posições de poder, passavam a concentrar seus esforços para impedir as reformas em nome das quais a revolução teria ocorrido. Nesse sentido, o Brasil enquanto nação independente teria sido somente mais uma revolução frustrada. Pode-se verificar o pessimismo de Bomfim no que diz respeito ao contexto latino-americano pós-independência pelo fato das revoluções que resultaram em novas nações não terem implementado as mudanças necessárias: tudo que havia eram novas nacionalidades “sem indústria, sem comércio nacional, sem capitais, sem riqueza, sem gente educada no trabalho livre, sem conhecimento do mundo”. (Bomfim, [1903], 1993, p. 140). Nesse sentido, pode-se afirmar que a *autonomia potencial* que configurava o caráter dessas nações enquanto Estados soberanos, tinha a heteronomia como limite da marcha do progresso na medida em que a herança parasitária impedia os avanços necessários para que a autonomia se desenvolvesse até um estágio *efetivo*, abrindo o horizonte de expectativa para efetivação do progresso e do ideal civilizatório contemplado. Bomfim afirmou enfaticamente que “como estamos, não somos nem nações, nem



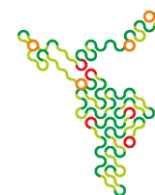
repúblicas, nem democracias. No entendimento de Bomfim, a independência das nações, como no caso do Brasil, não significou o rompimento com a tradição ibérica, os novos sujeitos nacionais continuavam agindo guiados por uma tradição que deveria ter sido interrompida com o fim da Monarquia.

Ao problematizar as concepções pessimistas na visão de Bomfim dirigidas às nacionalidades da América Latina, verifica-se a dúvida sobre a possibilidade de implementação de uma *autonomia efetiva* nas mesmas. Nessas novas nacionalidades, os indivíduos conseguiam fundar novas ordens, novas leis ou encontravam-se “presos” eternamente aos vícios herdados? O próprio Bomfim em determinado momento mencionou que, devido a essas heranças funestas, às vezes havia a impressão de que o tempo antigo estava novamente em vigor. Assim, as tentativas de conservar as coisas tal como estavam, era produto da vontade dos indivíduos ou da herança e da tradição que lhes mostravam ser o que devia ser feito?

Em relação ao espaço de experiência⁴, destaca-se também as concepções de Oliveira Lima que tecem uma comparação entre as nações sul-americanas (em especial o Brasil) e os Estados Unidos. Desse contexto, o primeiro item a ser problematizado diz respeito a imigração⁵. Para muitos autores, os imigrantes eram os responsáveis pelo desenvolvimento político, econômico e social dos Estados Unidos. Nesse sentido, surgiram inúmeros defensores da “importação” de imigrantes para as nações latino-americanas a fim de tentar reproduzir o exemplo dos países que obtiveram sucesso com essa prática, tornando os Estados Unidos um modelo nesse quesito. Segundo Oliveira Lima, analisar os Estados Unidos e seu povo disposto ao trabalho e ao progresso seria útil, especialmente ao Brasil, na medida em que poderia fornecer-nos exemplos de como corrigir nossas faltas para conquistarmos a evolução pretendida, abrindo-se, dessa forma, a possibilidade de um futuro glorioso para a nação.

⁴ Reinhart Koselleck compreendeu definiu a experiência como sendo o passado atual, no qual acontecimentos foram incorporados ou podem ser lembrados. Na experiência encontram-se as elaborações racionais e as formas inconscientes de comportamento, nela, por exemplo, estão contidas as experiências de gerações anteriores que os indivíduos incorporam em suas vidas.

⁵ No tocante à imigração, Manoel Bomfim advertiu que era preciso observar as condições da própria nação quando esses imigrantes adentraram. Quando para os Estados Unidos teria se encaminhado um forte fluxo da colonização, “o país apresentava uma nacionalidade pacífica, ativa, instruída, vivendo sob um regime civil e político tão livre e adiantado como os mais livres da Europa. O nível geral da sociedade americana era comparável ao dos países mais cultos” (BOMFIM, [1903], 1993, p.178). Por isso o emigrante não tinha a impressão de ter se instalado em uma nação desorganizada e rude. Levando isso em consideração, Bomfim afirmou que foi o esforço dos ianques em instruir a população e a cultura que teria promovido o progresso dessa República e não somente a imigração, como alguns acreditavam.

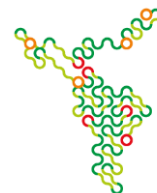


A imigração relaciona-se com a autonomia nacional de maneira antinômica na medida em que poderia levar a nação a adquirir sua *autonomia efetiva*, ou seja, a atingir o progresso desejado, a soberania irrefutável e o *status* de civilização, mas também poderia significar um problema na medida em que, sem a devida assimilação do estrangeiro, apresentava riscos de enfraquecer os laços identitários locais, podendo acentuar a debilidade do próprio Estado pela quebra da unidade social.

A imigração foi analisada por Oliveira Lima enquanto item de diferenciação entre a constituição dos Estados Unidos e das nações sul-americanas, ou seja, como fator explicativo para o progresso norte-americano em contraposição com atraso das demais nações. Esse seria um dos motivos pelo o autor atribuiu a grandeza dos Estados Unidos à imigração europeia e ao gênio ativo e inventivo da própria raça colonizadora. Teriam sido as qualidades das raças conquistadoras os elementos promotores das diferenças entre a colonização da América Inglesa e da América Latina, visto que “ingleses ocupando o que, se chama hoje Estados Unidos e portugueses ocupando o que desde então chamou-se Brasil, tiveram que lutar contra idênticos obstáculos — índios senhores da terra, concorrência estrangeira armada, elementos naturais”. (Lima, [1889], 2009, p.91).

A forma como Oliveira Lima tratou da imigração leva a crer que, ao contrário de Bomfim, ele não defendeu uma ruptura com o passado, tampouco com as heranças dos colonizadores por considerar os elementos herdados não como degenerações, mas sim como virtudes das raças superiores. A imigração europeia nas obras de Oliveira Lima apresentou-se como um elemento de salvação para as nações latino-americanas devido às consequências morais e pela prática da virtude presente na raça saxônica que explicariam o seu poderio. Nesse sentido, essas raças superiores poderiam oferecer às raças inferiores consideráveis progressos, pois o caráter desses imigrantes influenciaria a conquista da prosperidade nacional. Assim, justifica-se em parte o progresso dos Estados Unidos por sua imigração ter sido constituída por alemães, irlandeses e escandinavos, ou seja, pelos robustos, enérgicos, trabalhadores e pacíficos povos do Norte. Enquanto isso, para o Brasil teriam vindo povos do Sul, caracterizados por serem sóbrios, industriais, porém com um senso de moral duvidoso, resultando em violentas perturbações locais.

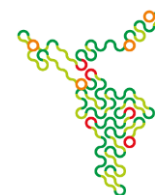
Em suma, a imigração seria o principal elemento que caracterizou o nascimento da raça americana promotora do adiantamento instaurado no presente nos Estados Unidos. Mas, uma excessiva imigração europeia no Brasil traria riscos de “diluir-se a nossa idiossincrasia nos característicos dos outros povos, mais pronunciados, vigorosos e progressivos, se não dá nos Estados



Unidos, onde o nacional, mercê da sua rara faculdade de assimilação, acaba por absorver os elementos estranhos”. (Lima, [1889], 2009, p. 101). Pode-se afirmar que nas obras de Oliveira Lima, o imigrante europeu apresentava-se como oportunidade de obtenção de mão-de-obra e de desenvolvimento das inteligências sociais, permitindo o progresso do país em diversas instâncias, como a econômica, financeira e moral. Todavia a imigração como propulsora do progresso não era uma alternativa exequível por todas as nações como à primeira vista poderia indicar. Apesar de representar um modelo que deu certo nos Estados Unidos, a realidade frágil e problemática das demais nações latino-americanas, poderia transformar esse agente de mudança em um problema para a autonomia nacional. Assim a imigração enquanto “remédio” para superar o atraso das nações sul-americanas só poderia ser aplicada tendo-se disponível na nação alguns elementos ideais pré-dispostos ao desenvolvimento, tais como tendência a caracteres morais elevados, clima favorável, idiosincrasia da população, facilidade de assimilação de elementos externos, entre outros fatores que não eram facilmente encontrados na nações latino-americanas em seu conjunto. Por isso que, mesmo oportunizando o contato com uma suposta raça superior em todos sentidos, a imigração não era uma alternativa viável para corrigir os problemas em todas nações.

Para solucionar o atraso das nações latino-americanas, a instrução popular foi uma solução comum indicada por Manoel Bomfim e Oliveira Lima. A instrução das massas também era caracterizada por uma antinomia devido ao fato de ser a responsável pela propagação das tradições herdadas que levariam a nação a pender para um regime de heteronomia e, ao mesmo tempo, por indicar, enquanto potência, a possibilidade de ruptura com a heteronomia, impelindo a nação para um contexto de predomínio da *autonomia efetiva* no futuro.

Oliveira Lima, ao contrário de Bomfim, procurou recuperar os exemplos bem-sucedidos do passado que seriam úteis ao Brasil e às demais nações latino-americanas para alcançarem o progresso almejado através da instrução da população. Ao comparar o modelo da educação dos Estados Unidos com o do Brasil, Oliveira Lima afirmou que “a independência é o alicerce da educação americana, como a sujeição o é da educação latina” (Lima, [1889], 2009, p. 264), colocando em dúvida a existência de *autonomia efetiva* brasileira. Se a nossa educação estava concentrada na ideia de subordinação, pode-se dizer que estaria em vigor um estado de heteronomia no Brasil, e que a *autonomia efetiva* seria apenas um vislumbre lançado para o devir.

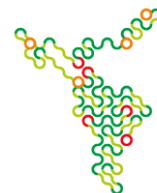


A falta de uma *autonomia efetiva* no Brasil pode ser verificada na narrativa de Oliveira Lima pelo fato da nação ser constituída por um povo alheio às próprias leis, afinal como poderia haver liberdade e autonomia dos indivíduos onde a ignorância predominava? Essa disposição contraventora às leis demonstraria um fator corrosivo da própria nação, visto que “a obediência consciente à lei é o sinal mais seguro de um alto grau de civilização e a condição necessária da verdade de qualquer regime representativo”. (Lima, [1889], 2009, p. 244). A concepção de autonomia de Oliveira Lima remetia à obediência consciente às leis enquanto demonstração de conhecimento, fato que abriria possibilidades concretas para que os devidos representantes pudessem modificar e aplicar as leis de uma maneira mais confiável. Nesse sentido, a independência, a democracia e seu corpo legislativo, enquanto representante da vontade popular, estariam limitados pela falta de esclarecimento da própria população. A raiz dessa questão estaria na falha educação popular, que deveria ser repensada visando pontos mais abrangentes do que o modelo oferecido pelos Estados Unidos devido às especificidades da sua política interna. Destarte, o devir estaria aberto ao progresso através das mudanças ofertadas pela educação popular no que diz respeito à conscientização dos indivíduos quanto à política de sua pátria, tornando-os agentes conscientes de uma nação plenamente autônoma.

No que se refere à educação, Manoel Bomfim tentou distanciar-se da influência funesta do espaço de experiência lançando para o devir as esperanças de ruptura através da instrução da população. Nesse sentido, busca-se refletir sobre como a instrução popular enquanto sujeito da mudança nacional se relaciona com a própria ideia de autonomia.

Na luta pelo progresso social, a educação seria o mais profícuo meio de ruptura com os vícios que percorreram o passado e o presente e o principal sujeito capaz de proporcionar às nações latino-americanas uma *autonomia efetiva* formando os pilares de um futuro no qual o *status* de civilização poderá ser alcançado por essas nacionalidades. Tal como estava, a educação estava mais reforçando as antigas tradições do que promovendo mudanças, porém é certo que ela se apresentava na narrativa de Bomfim como uma *autonomia potencial* na medida em que seria capaz de corrigir os vícios da vida parasitária, promovendo a diminuição do ritmo da heteronomia nacional.

Dessa forma, a instrução pode ser entendida como composta por um caráter antinômico. Em primeiro lugar, estaria promovendo a conservação das práticas dos regimes anteriores ao transmitir a herança das tradições recebidas às próximas gerações e, em segundo sentido, apresentava-se como possibilidade de regeneração do que estava deturpado na nação devido aos vícios provindo da herança

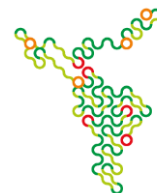


parasitária, gerando uma ruptura com a primeira situação. No presente, estaria ocorrendo uma disputa interna originária da própria configuração da instrução nas nacionalidades latino-americanas verificada no confronto entre seus elementos formadores de caráter conservantista com aqueles responsáveis pelos germens das mudanças, promotores da *autonomia potencial* existente.

A partir disso é lançada a questão: a antinomia interna contida no próprio caráter da instrução, permitiria a mencionada *autonomia potencial* assumir a hegemonia sobre o viés conservantista, transformando-se em ferramenta concreta de uma *autonomia efetiva* na nação? A complexidade dessa problemática está contida no fato de que os indivíduos que discursavam em prol de mudanças, que desejavam e buscavam realizar as revoluções acabavam sendo corrompidos quando chegavam ao poder, convertendo-se em conservadores das antigas práticas. Então, como seria possível implementar, em termos de uma política social ampla, a instrução popular nas nações latino-americanas? No presente, haveria elementos suficientemente fortes para vencer a heteronomia dominante, ou estaríamos condenados a esta no futuro? Parece que por mais que a educação seja um vislumbre de salvação para as nações sul-americanas, na narrativa de Bomfim, eles estariam em um círculo fechado devido às impossibilidades de implementação dessas reformas em um meio no qual a conservação prevalecia. A instrução como solução frente a esse quadro fechado apresentaria um caráter de transcendência à própria nação, visto que internamente não estaria acessível no presente. Isso poderia abrir brechas para consagrar justamente um dos pontos que Bomfim mais criticava, ou seja, a influência demasiada dos elementos externos na nação, levando a sua subordinação por nações consideradas prósperas e civilizadas. Esse cenário representa as disputas internas entre os grupos envolvendo as antíteses do cotidiano nacional, tais como, conservação *versus* mudança, autonomia *versus* heteronomia, estagnação *versus* progresso, antigo *versus* novo.

Levando-se em consideração os elementos discutidos ao longo desse artigo a partir das obras de Manoel Bomfim e Oliveira Lima, conclui-se que a leitura do mundo dos autores evidencia o predomínio da heteronomia em detrimento da presença da *autonomia potencial* no final do século XIX e início do século XX no Brasil e nas demais nações latino-americanas. Nesse cenário, só era possível falar de uma *autonomia efetiva* no que dizia respeito ao futuro das nações ou quando havia referência à Europa e aos Estados Unidos, considerados modelos civilizacionais a serem seguidos.

Contrapondo-se a essa conjuntura, a esperança vinculada ao futuro demonstraria a projeção de um horizonte aberto para as nações latino-americanas. Com a instrução e seu pacote imbuído pela



ciência, pelo progresso e pela cultura, essas nações não estariam fadadas à inferioridade intransponível. Pelo contrário, a instrução como base de uma *autonomia efetiva* poderia garantir a inserção dessas nações no mundo ocidental civilizado. Ao manter vislumbres de esperança para o devir, a temporalidade aparece como uma possibilidade de quebra de paradigmas através da instrução, visto que os homens dos quais Bomfim falou seriam impróprios para realizarem as mudanças prometidas ou desejadas. Assim, em relação ao futuro, seria possível considerar a temporalidade sob o aspecto da esperança e também da incerteza gerada pela dúvida de como essas próprias nações poderiam desvencilhar-se das correntes da herança transmitida e concretizar tais expectativas de ruptura com o passado ou presente.

Referências

BAUMER, Franklin Le Van. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 1 Séculos XVII e XVIII. Tradução de Maria Manuela Alberty. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2 Séculos XIX e XX. Tradução de Maria Manuela Alberty. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1990.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: Males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

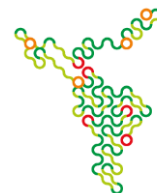
KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução: Wilma Patrícia Maos e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146.

_____. **Estratos do Tempo**. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

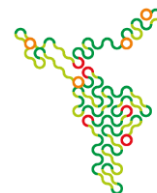
LIMA, Oliveira. **Pan-Americanismo: Monroe – Bolívar - Roosevelt**. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1907.

LIMA, Oliveira. **Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.



MACIEL, Renata Baldin. **América enferma: do flagelo à redenção – uma leitura da obra “América Latina – Males de Origem”, de Manoel Bomfim.** 56f. Trabalho de Conclusão de Graduação – Centro de Ciências Sociais e Humanas - Curso de História - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), Santa Maria, 2013.

_____. **Arquétipos rodonianos: o lugar da América Latina na História Ocidental.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2014.



MEMÓRIAS EM UM PEDAÇO DE PAPEL: BREVE HISTÓRICO DO CLUBE TREZE DE MAIO

Merylin Ricieli dos Santos ¹

Resumo: Este trabalho traz reflexões teóricas e metodológicas através de uma análise documental pautada em perspectivas culturais e no contexto histórico em que a fonte/linguagem fora produzida. Os conceitos base desta problematização correspondem à cultura, compreendida por Williams (1979) como um processo social constitutivo que está diretamente relacionado aos modos de vidas. Outro conceito que embasa tais escritos corresponde à estrutura de sentimentos, entendida como as vivências e experiências sociais cotidianas repletas de relações internas e específicas movidas também por conflitos (William, 1979). O objetivo deste artigo é construir abordagens que relacionem as discussões de Raymond Williams acerca de Estrutura de Sentimento com o processo de construção de uma memória negra para os fundadores do Clube Treze de Maio em Ponta Grossa (PR). O documento problematizado neste estudo é uma construção discursiva de gênero não definido e que traz breves informações sobre ex-participantes do clube negro citado. Tal fonte será analisada dentro uma perspectiva metodológica da análise do discurso proposta pelo círculo bakhtiniano (1929/2005), bem como o próprio paradigma da estrutura de sentimentos (WILLIAMS, 1979). Assim, busca-se através desta construção bibliográfica perceber a intencionalidade deste documento e o que o mesmo significa para a memória do clube.

Palavras-chave: Lugar de memória. Estrutura de sentimentos. Cultura. Linguagem. Discurso.

MEMORIES IN A PIECE OF PAPER: A BRIEF HISTORY OF THE CLUB THIRTEEN OF MAY

Astract: This work brings theoretical and methodological reflections through a documentary analysis based on cultural perspectives and the historical context in which the source / language was produced. The basic concepts of this problematization correspond to the culture, understood by Williams (1979) as a constitutive social process that is directly related to the modes of lives. Another concept that bases these writings corresponds to the structure of feelings, understood as daily experiences and social experiences full of internal and specific relations also moved by conflicts (William, 1979). The purpose of this article is to construct approaches that relate Raymond Williams' discussions about Structure of Feeling to the process of building a black memory for the founders of the Thirteen Club in Ponta Grossa (PR). The document discussed in this study is an undefined discursive construct of gender and brief information on ex-participants of the abovementioned black club. This source will be analyzed in a methodological perspective of the analysis of the discourse proposed by the Bakhtinian circle (1929/2005), as well as the structure of feelings paradigm itself (WILLIAMS, 1979). Thus, through this bibliographical construction, we seek to understand the intentionality of this document and what the same means for the memory of the club.

Keywords: Places of Memorie. Structure of feelings. Culture. Language. Speech.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Florianópolis, Brasil.



Considerações iniciais

As problematizações aqui postas referem-se à análise de uma fonte construída a partir de um lugar de memória negro, fundado no ano de 1890 na cidade de Ponta Grossa (PR). Sobre o Clube recreativo 13 de Maio sabe-se que tamanha é sua história, mas mínima a sua historiografia (quantitativamente falando). Sobre os lugares de memórias, Pierre Nora os define do seguinte modo:

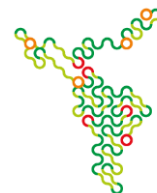
[...] são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Assim, o discurso textual de fundação do clube negro aqui elencado se construiu com a intenção de salvaguardar as memórias dos sujeitos vinculados a tal instituição, no entanto, tal colocação será aprofundada na sequência a fim de construir reflexões sobre um documento escrito dentro de uma perspectiva dos estudos culturais. Tentando perceber como as estruturas de sentimentos “tão firme e definido como sugere a palavra ‘estrutura’, ainda que opere nos espaços mais delicados e menos tangíveis de nossa atividade.” (WILLIAMS, 2003, p. 57) se fazem presentes no processo de criação do documento como linguagem.

Entende-se que “Metodologicamente a estrutura de sentimento é uma hipótese cultural, derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos se suas ligações numa geração ou período” (WILLIAMS, 1979, p. 135).

Seguindo a mesma linha deste Raymond Williams, Cevasco (2001) nos contempla com a seguinte explicação: “A estrutura de sentimento é então uma resposta a mudanças determinadas na organização social, é a articulação do emergente, do que escapa à força acachapante da hegemonia (...).” (CEVASCO, 2001, p. 157)

Para entender melhor as considerações atreladas a tais estruturas, faz-se necessário compreender também o conceito de cultura discutido pelo autor, assim “Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos, para designar um modo de vida — os significados comuns — e para designar as artes e o aprendizado — os processos especiais de descoberta e esforço criativos” (WILLIAMS *apud* CEVASCO, 2001, p.118).



Outra concepção construída pelo crítico literário é assim descrita: “A cultura é algo comum a todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento.” (WILLIAMS, 2015, p.5).

Raymond Williams problematiza cultura como um modo de vida que está sempre em uma dinâmica conflituosa, pois é vista por muitos através de polaridades (*elite e massa; erudito e popular*). No entanto, o autor explica que a cultura é o reflexo das sociedades em que são constituídas, logo, não há como pensar/estudar cultura sem considerar as experiências de pessoas comuns.

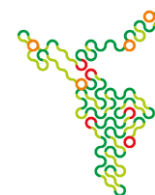
Por lo tanto, las posibilidades plenas del concepto de cultura, considerada como un proceso social constitutivo creador de «estilos de vida» específicos y diferentes y que pudo haber sido notablemente profundizada por el énfasis puesto en un proceso social material, se perdieron durante un tiempo muy prolongado y en la práctica eran sustituidas a menudo por un universalismo abstracto y unilineal. (WILLIAMS, 1997, p.31)

Além da definição e imbricações do conceito de cultura, Williams construiu uma diferenciação dentro desta categoria que comporta as *Culturas residuais e emergentes*. Para o intelectual estas são elementos distintos, mas que estão em paralelo com as culturas/práticas dominantes.

Para explicar tais distinções: “O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está vivo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como elemento efetivo do presente”. (WILLIAMS, 1979, p.125) O residual se relaciona com experiências passadas e significativas enquanto o emergente é imediato e é incorporado as vivências cotidianas. Sobre a perspectiva emergente, “[...] quero dizer, primeiramente, que novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados. (WILLIAMS, 1979, p.56-57)”. Ambos podem ser incorporados ou não incorporados.

Após trazer breves apontamentos sobre cultura, explanamos que esta será de grande importância para entendermos o contexto sócio-histórico em que o documento fora criado. Os aspectos sociais e culturais que norteiam o “objeto de estudo” serão explorados através da concepção de diálogo/dialogismo proposta pelo círculo bakhtiniano (1929/2005).

Observaremos o material de análise aqui posto buscando as relações dialógicas com base na perspectiva de que “Todo diálogo se desenrola como se fosse presenciado por um terceiro, invisível, dotado de uma compreensão responsiva e que se situa acima de todos os participantes do diálogo (os parceiros)” (BAKHTIN, 2000, p. 356). O diálogo pode ser definido como o produto entre locutor e interlocutor, porém,



há um terceiro elemento nesta relação que é entendido também como um superdestinatário (*idem*). É nesta dinâmica entre autor, ouvintes e intencionalidades que podemos compreender as relações dialógicas de um enunciado, estas:

[...] implicam necessariamente o conceito de vozes, não podem ser reduzidas nem às relações lógicas, nem às relações psicológicas, nem às relações naturais ou mecânicas. Elas constituem uma classe específica de relações de sentidos, cujos participantes podem ser unicamente enunciados completos, ou vistos como completos, e por trás dos quais estão os sujeitos discursivos. (BRAIT, 2003; p. 25).

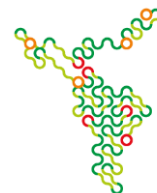
O *corpus* teórico deste artigo está posto ao longo de todo o texto, porém, tais discussões se sustentaram no processo de análise, já que a proposta é fazer uma discussão em que possamos perceber o diálogo entre teoria e metodologia. Alguns conceitos já foram alocados e por vezes serão retomados ao longo do artigo no anseio de dar densidade teórica à produção discursiva de um indivíduo alfabetizado que traz em poucas linhas e uma página, produções de conhecimentos e verdades que possuem um conteúdo contra-hegemônico.

Análises

O ato de pensar um documento, quase anônimo, disponível para análise, breve e singular, nos possibilita a refletir sobre as particularidades da instituição que o levou a ser criado. Há várias possibilidades que podem ter levado a esta iniciativa, porém, citaremos apenas duas e defenderemos a segunda. Primeiro: a fonte pode ter sido produzida apenas como um registro burocrático que deveria ser transferido para outro suporte devido à ausência de um material adequado no momento de sua criação a fim de colaborar apenas para os trâmites burocráticos.

A segunda possibilidade de criação desta fonte vem sendo tratada desde as primeiras laudas deste texto e assim continuará, volta-se para a construção de parte de uma memória negra através da linguagem.

A criação de possibilidades se justifica quando pensamos que o objeto, fonte, documento ou texto perdido em si mesmo não faz sentido algum para produzir uma historiografia, logo situaremos o documento aqui analisado dentro do máximo de especificações possíveis, embora o mesmo conte com uma escrita um tanto fragmentada, visto que há poucas informações nele. Em outros momentos talvez esta fonte nem fosse considerada “própria” para problematizações, pois os únicos dados que temos a respeito dela é que pertence ao acervo particular do Clube Treze de Maio e que fora cedida

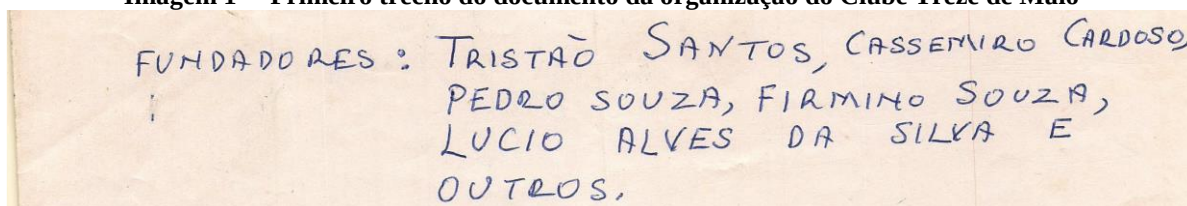


para ser digitalizada no ano de 2012 quando o ex-presidente da instituição, já falecido, Roselei do Rocio Manuel cedeu uma entrevista ao Programa de Educação Tutorial de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A escolha pelo presente documento se deu ao pensar que “o texto (escrito ou oral) é o dado primário de todas essas disciplinas. [...] Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2003, p. 307) Assim, o *objeto de pesquisa e pensamento* aqui explorado possui uma página manuscrita em letras de forma e fora dividido em quatro partes. A princípio o documento traz um discurso que contempla os fundadores do clube, bem como os presidentes, vice-presidentes e por fim o grêmio Saudades da Primavera. A fonte foi digitalizada e traz em um papel aparentemente envelhecido e conta com uma escrita organizada.

O objeto em questão traz o nome do clube, município e estado em que o mesmo está fixado como primeiro enunciado. Na sequência a primeira parte do documento corresponde ao signo *Fundadores* e neste trecho temos o nome de cinco sujeitos descrito como os responsáveis por tal ação.

Imagem 1 – Primeiro trecho do documento da organização do Clube Treze de Maio



Fonte: Acervo particular do clube (s/d)

Ao analisar a presente construção discursiva pode-se perceber que neste fragmento o processo de fundação do clube é marcado por uma predominância masculina. No entanto, não é possível afirmar que a iniciativa fora exclusivamente masculina, pois o signo *outros* está inserido no enunciado. Compreendemos *outros* como um conjunto heterogêneo de pessoas, objetos, pensamentos e *outros(...)* Que podem envolver tanto elementos masculinos como femininos.

Outra questão a se pensar neste trecho da fonte é a autoria da mesma, pois se fosse escrita por uma mulher, talvez o signo *outros* trouxesse sinais que contemplassem também uma presença feminina no momento de fundação da instituição, o que não ocorre. Para dialogar com a fonte aqui referida “[...] encontramos no Diário Oficial do ano de 1936, os nomes daqueles que teriam sido os verdadeiros fundadores da sociedade: Os fundadores da sociedade foram Vidal Branco, Luiz Marias Bento e Cassemiro Cardoso de Menezes” (CAMARGO & ROSA, 1999 p.43).

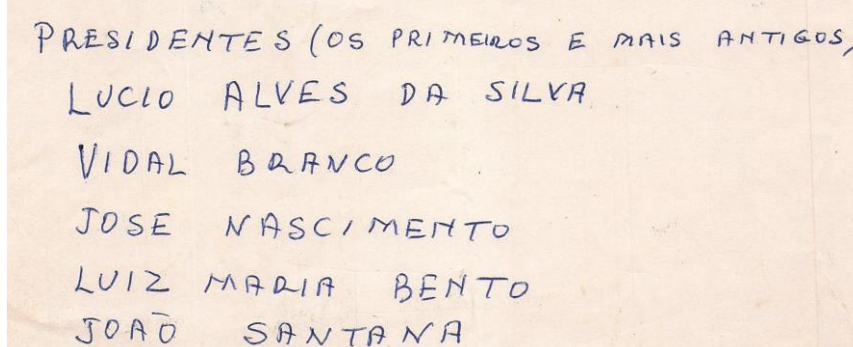


Temos ainda a seguinte colocação acerca do processo de fundação da entidade: “Em treze de maio de 1890, dois anos após a assinatura da Lei Áurea, é fundado o clube literário e recreativo 13 de maio. Seu propósito era o de cultivar e integrar o negro na sociedade. Fundado por Luiz Marias Bento, hoje o clube é um dos melhores da cidade.” (Diário da Manhã, 1992, *apud* ROSA & CAMARGO, 1999).

Diferente do documento aqui problematizado, este discurso de gênero notícia traz uma breve informação sobre a fundação da instituição, porém, tal enunciado contempla apenas um sujeito como responsável em fundar tal sede.

Conforme já dito, o documento é formado por um discurso sistematizado em quatro partes e a segunda refere-se aos primeiros presidentes da entidade. Embora a fonte não seja datada, podemos perceber que esta parte do discurso dialoga com o anterior em grandes proximidades, não apenas por ser construído também por cinco nomes de homens, mas pelo fato de citar o senhor Lúcio Alves da Silva como o último nome de fundadores e o primeiro enquanto presidente, percebe-se um indício de verdade nesta informação, que será discutida na sequência.

Imagem 2 – Segundo trecho do documento da organização do Clube Treze de Maio



PRESIDENTES (OS PRIMEIROS E MAIS ANTIGOS)
LUCIO ALVES DA SILVA
VIDAL BRANCO
JOSE NASCIMENTO
LUIZ MARIA BENTO
JOÃO SANTANA

Fonte: Acervo particular do clube (s/d)

O trecho traz os primeiros e mais antigos presidentes do clube. Sobre a veracidade desta informação, temos alguns trabalhos acadêmicos, recortes de jornais e o próprio processo de tombamento do clube que evidenciam o senhor Lúcio Alves da Silva como um dos fundadores e também um dos primeiros presidentes, porém, José Nascimento e João Santana são nomes que só aparecem na fonte aqui analisado.

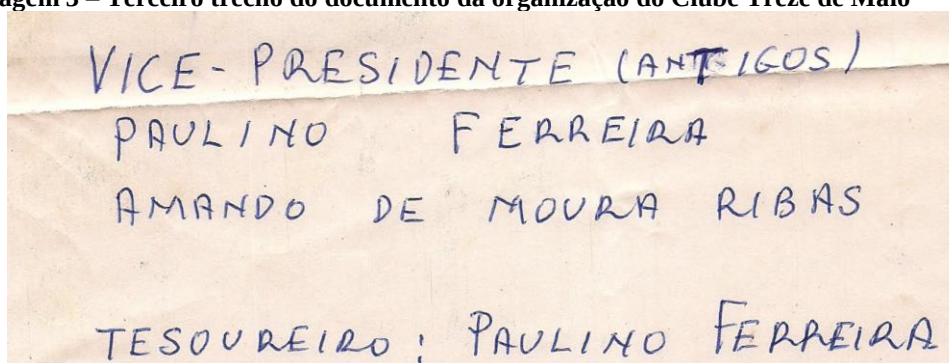
Algo interessante refere-se ao o nome do senhor Vidal Branco estar posto no Processo de Tombamento do clube não como um dos primeiros presidentes, mas como um dos fundadores do mesmo, “O Clube Literário e Recreativo 13 de Maio, foi fundado em 1890 por um grupo de jovens



liderados por Lúcio Alves da Silva, Luiz Marias Bento, Cassemiro Cardoso de Menezes, Vidal Branco e José Borges.” (COMPAC, 2013, p.08) Percebe-se então que há fortes indícios de que os membros do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (COMPAC) não utilizaram o documento aqui problematizado como fonte para compor o conjunto de materiais disponíveis no Processo de Tombamento. Talvez pela fragilidade do mesmo e ausência de autoria e datas.

A próxima parte/trecho a ser problematizada (o) compõe o quadro de *vice-presidentes* do clube, tal informação é precedida apenas pelo signo *antigos*, enquanto o discurso anterior acerca dos *presidentes*, contava com a construção *mais antigos*. Percebe-se nesta colocação uma dinâmica temporal marcada pela intenção de dizer do autor do documento que diferenciava o grupo dos presidentes dos vice-presidentes. O signo *mais* demarca um processo de potencialização do que já era dado como distante, neste caso a palavra *antigo*, que traz um período não tão distante quanto à estrutura temporal dos *mais antigos*.

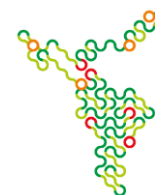
Imagem 3 – Terceiro trecho do documento da organização do Clube Treze de Maio



Fonte: Acervo particular do clube (s/d)

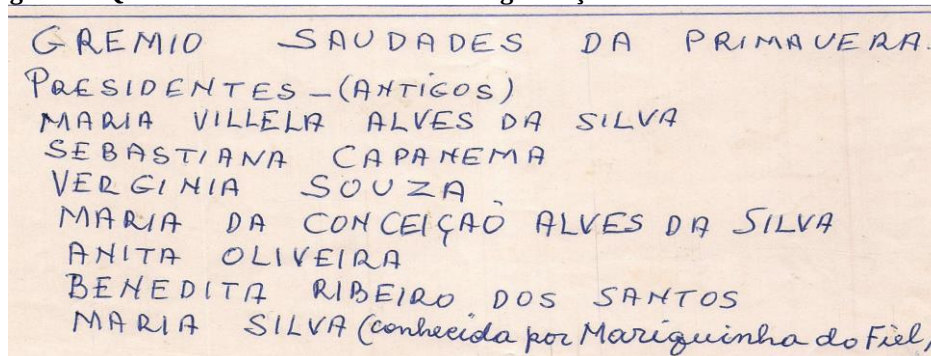
Tal trecho corresponde à terceira parte dos escritos analisados e há uma informação curiosa neste enunciado, um dos vice-presidentes também é o tesoureiro da instituição. Neste fragmento podemos pensar que além de estar preocupado em preservar a memória da entidade negra ou deixar algo registrado, o autor desta fonte estava vinculado diretamente a tal sociedade recreativa, pois sabia não apenas o processo de organização do clube, mas ainda a função dos sujeitos que compunham a diretoria.

Outro aspecto que faz pensar no lugar do autor do documento materializa-se na descrição que o mesmo faz em relação a uma iniciativa muito particular do Clube Treze de Maio e que há informações mínimas sobre esta na historiografia local. O autor traz informações referentes ao Grêmio Saudades da



Primavera e seus antigos presidentes, que na verdade são presidentas, segundo Santos (2016) tal organização foi uma iniciativa de mulheres que frequentavam a entidade e eram responsáveis pela organização de eventos, reuniões e encontros que contemplavam participantes de diferentes idades, todas vinculadas ao clube negro em questão.

Imagem 4 – Quarto trecho do documento da organização do Clube Treze de Maio



GRÊMIO SAUDADES DA PRIMAVERA.
PRESIDENTES – (ANTIGOS)
MARIA VILLELA ALVES DA SILVA
SEBASTIANA CAPANEMA
VERGINIA SOUZA
MARIA DA CONCEIÇÃO ALVES DA SILVA
ANITA OLIVEIRA
BENEDITA RIBEIRO DOS SANTOS
MARIA SILVA (conhecida por Mariquinha do Fiel)

Fonte: Acervo particular do clube (s/d)

Neste enunciado percebemos que o Grêmio Saudades da Primavera contou com uma quantidade significativa de presidentas, sete são citadas no documento. Tal trecho evidencia a preocupação do autor em trazer outros elementos de identificação para a senhora que possui o nome mais comum dentre as demais, Maria Silva, talvez com o apelido *mariquinha da fiel* as chances de confundi-la com outra pessoa fossem reduzidas.

A fonte aqui analisada traz alguns questionamentos que não podem ser respondidos, porém, determinados estudos não precisam de respostas, se bastam nas indagações e possibilidades entender determinados processos culturais.

Não há como perceber nesta fonte a sua temporalidade nem o(s) sujeito(s) que a elaborou, no entanto é possível dizer que este (s) estava inserido na dinâmica do clube e que talvez fosse branco ou até mesmo membro da entidade, mas que independente do gênero, cor ou função, sentiu-se responsável em registrar parte da trajetória e organização desta instituição negra e que se constituiu com base em culturas geracionais e residuais.

O Clube Treze de Maio é um campo de vivências sociais e conta com “Algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais quanto sociais – de formações sociais anteriores” (WILLIAMS, 1979, p. 56).



Os resíduos culturais e sociais que envolvem a entidade aqui elencada são perceptíveis no texto do autor da fonte, pois trazem experiências que são valorativas para os frequentadores da instituição. Tais experiências congregam características políticas e sociais da instituição.

Observamos também as estruturas de sentimentos presentes no documento, entendida como “a articulação de uma resposta a mudanças determinadas na organização social.” (CEVASCO, 2001, p. 153). Ainda que tal modelo tenha sido colocado por Williams para se pensar os processos artísticos, entende-se que outras produções materiais também têm influência ativa em tais processos de incorporações (*idem*).

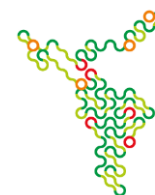
A produção aqui analisada traz à tona estruturas de sentimentos que se opõe a cultura hegemônica quando busca inserir-se na história através de aspectos mínimos, mas que possuem grandes significados e tem relação com as vivências coletivas de todos os sujeitos que tiveram seus nomes registrados na fonte em questão.

Discussões

Entende-se que o autor do documento teve a intenção de falar sobre, no entanto não se identificou ao longo de todo o discurso, o que não quer dizer que não tenha se colocado no texto através de signos nominais ou outros elementos subjetivos da linguagem que não possamos compreender devido às poucas informações contidas no material analisado. Assim, a linguagem textual foi à forma de registrar várias histórias que se constituíram dentro de um mesmo espaço.

Com base em Williams (1997), a linguagem é compreendida aqui como um campo de reflexão vinculada não só a gramática e a retórica, mas principalmente as práticas socioculturais. Desta maneira “El lenguaje es pues, positivamente, una apertura del mundo y hacia el mundo distintivamente humana y no una facultad discernible o instrumental, sino una facultad constitutiva” (WILLIAMS, 1997, p. 36). Uma faculdade constitutiva relacionada à criatividade e humanidade.

Deste modo, as problematizações realizadas foram postas considerando a impossibilidade de separar as experiências linguísticas individuais dos viveres sociais. E a fonte em questão nos traz a percepção de tal indissociação, pois é composta por escritos “anônimos” que apresentam uma organização política e social individual, mostrando que a linguagem é uma produção socialmente ativa e responsável pela criação de significados comuns.



A fonte analisada pode ser entendida como uma produção material discursiva onde a natureza eurocêntrica é contestada a partir do momento em que o documento é criado como um ato de ser e fazer representar determinada cultura ativa. Através da organização do discurso pudemos perceber que havia no clube um *engendramento* entre os diferentes setores da entidade. Assim, com base em Williams (1979) reconhecemos que o documento problematizado não traz uma história total, mas uma história constitutiva, tal fonte foi gerada em circunstâncias específicas, porém, devemos perceber os seus enunciados não como uma leitura do real, mas como produtos de uma movimentação do real.

Como Williams não possui referências específicas para tratar de questões de raça, optamos em nos apropriar do conceito de hegemonia para explicitar as relações que podem ter colaborado para que a fonte em questão fosse produzida.

Entende-se por hegemonia “[...] uma formação cultural e social inclusiva que, na verdade, para ser efetiva, tem de ampliar-se e incluir toda essa área de experiência vivida, até mesmo para formá-la e ser formada por ela” (Williams, 1979, p. 111-114).

Relacionada à ideia de poder e ideias dominantes a hegemonia,

[...] é um corpo completo de práticas e expectativas; implica nossas demandas de energia, nosso entendimento comum da natureza do homem e de seu mundo. É um conjunto de significados e valores que, vividos como práticas, parecem se confirmar uns aos outros, constituindo assim o que a maioria das pessoas na sociedade considera ser o sentido da realidade, uma realidade absoluta porque vivida, e é muito difícil, para a maioria das pessoas, ir além dessa realidade em muitos setores de suas vidas (WILLIAMS, 2005, p. 217).

Em suma, hegemonia é também um campo capaz de explicar as forças dominantes em determinada cultura (*idem*). Nesta dinâmica entre produções e valores que se sobressaem uns aos outros, nos apropriamos deste conceito para assimilar a relação dialógica contida no material analisado. E estas estão postas como um diálogo entre o autor da fonte, seus possíveis leitores e os sujeitos que integram a mesma. O autor do documento escreveu para ser lido e percebido historicamente, e teve a intenção de evidenciar certos nomes, percebemos aqui as estruturas de sentimentos que permeiam tais vivências coletivas.

Para o Williams (1978) as estruturas de sentimentos são entendidas como o movimento da cultura na reconstrução dos modos de vida marcados por sentidos e sentimentos orgânicos, é o complexo sistema de significação em ação/movimento. Assim, as estruturas de sentimentos:

[...] estão inextricavelmente ligadas às experiências sociais vividas no cotidiano. Essa experiência é a resposta que se dá ao embate e à relação que se encontra entre os elementos



residuais, dominantes e emergentes. Elas não se relacionam ao que os homens afirmam viver, mas àquilo que vivem de fato a partir do pensamento que se forma nas condições sociais e materiais encontradas. (MARIANO, 2016, p. 339).

O autor traz nas entrelinhas de seus escritos alguns elementos residuais e emergentes da cultura do clube e a iniciativa de produzir o documento pode ser entendida como uma forma de tensionar a cultura dominante local marcada por estratificações distintas.

Considerações finais

Este artigo buscou construir abordagens que relacionassem as discussões de Raymond Williams acerca de Estrutura de Sentimento com o processo de construção de memórias negras para os fundadores do Clube Treze de Maio em Ponta Grossa (PR). O documento analisado traz parte de uma realidade vivenciada por diferentes atores dentro de um modo de vida comum e em comum. A fonte fora problematizada enquanto linguagem através das considerações de Williams e tal exercício realizou-se na perspectiva do círculo de Bakhtin (1929/2005). O documento traz aspectos residuais em seu conteúdo, principalmente quando se pensa no processo de criação do clube como um movimento de resistência constante e geracional. Deste modo, podemos dizer que nos apropriamos da fonte em questão de forma ativa e consciente, não de um modo utilitário e imóvel, mas na tentativa de colaborar para a produção de sentidos de uma memória “negada”.

Referências

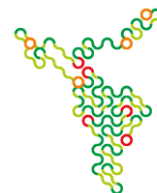
BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.3- 192.

BRAIT, Beth. (2003). **As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso**. IN: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê. 2003.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.



CEVASCO, M. E. **Questões de teoria. O materialismo cultural.** In: Para Ler Raymond Williams. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

COMPAC. O Conselho Municipal de Patrimônio Cultural. **Clube Literário e Recreativo 13 de Maio. Processo de Tomabamento nº 01/2001.** Ponta Grossa, 2001, 178p.

MARIANO, André Luiz Sena. **O materialismo cultural de Raymond Williams: aproximações às pesquisas sobre história do currículo e da profissão docente.** Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 2, p. 332-344, 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

ROSA, Lia; CAMARGO, Marli Terezinha. **O Negro e a sua inserção na sociedade pontagrossense.** Ponta Grossa: 1999.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. **“Quem Tem Medo Da Palavra Negro?”: Morenos, Misturados, Mestiços, Cafusos, Mulatos, Escuros, Preto Social Participantes Do Clube 13 De Maio – Ponta Grossa (PR).** Ponta Grossa. 2016, 148f. Dissertação de mestrado.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é algo comum.** In. Recursos de Esperança. São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Base e superestrutura na teoria da cultura marxista.** Revista USP, São Paulo, n. 65, p. 210-224, março/maio de 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979

_____. **Conceitos Básicos.** In: Marxismo y literatura. Barcelona, Península, 1997.

_____. **La larga revolución.** Buenos Aires: Nova Visión, 2003.